

OFICINA DOS SENTIDOS: o Enfermeiro Refletindo Sobre o Sujeito Perceptivo

Jacó Fernando Schneider¹

Cíntia Nas²

Natalie Coitinho³

Maria de Lourdes Custódio Duarte⁴

Marcio Wagner Camatta⁵

Resumo

O presente estudo tem como objetivo relatar sobre uma oficina dos sentidos. Trata-se de um estudo descritivo, caracterizado como relato de experiência. As oficinas foram realizadas em um Centro de Atenção Psicossocial. As atividades realizadas foram de integração entre os participantes, discussão teórica, confecção de painéis, trabalho com argila, passeio no parque e técnica de sensibilização dos sentidos. A oficina propiciou ações a serem desenvolvidas pelo enfermeiro como: transmitir uma atitude de aceitação; encorajar o usuário a expressar a si mesmo abertamente; promover sentimentos de controle pessoal; incentivar a tomada de decisões independentes; reconhecer os pontos fortes do usuário; discutir temores, encorajando o envolvimento em novas atividades; ajudar o usuário a evitar ruminar insucessos passados e; reconhecer os esforços bem-sucedidos.

Palavras-chave: Enfermagem. Percepção. Saúde Mental.

Workshop of the Directions: The Nurse Reflecting on the Perceptive Subject

Abstract

The present study it has as objective to tell on a workshop of the directions. One is about a descriptive study, characterized as experience story. The workshops had been carried through in a Center of Psicossocial Attention. The carried through activities had been of integration between the participants, theoretical quarrel, confection of panels, work with clay, walking in the park and technique of sensitization of the directions. The workshop propitiated action to be developed for the nurse as: to transmit an acceptance attitude; to encourage the user to express itself exactly openly; to promote feelings of personal control; to stimulate the taking of independent decisions; to recognize the strong points of the user; to argue fears, encouraging the involvement in new activities; to help the user to prevent to ruminate last failures and; to recognize the well-succeeded efforts.

Keywords: Nursing. Perception. Mental Health.

¹ Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Docente do Departamento de Assistência e Orientação Profissional da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Enfermeira. Residente em Saúde Mental Coletiva do Programa de Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

³ Aluna de Graduação em Enfermagem. Estagiária da Disciplina Enfermagem em Saúde Mental II da Escola de Enfermagem da UFRGS.

⁴ Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

⁵ Enfermeiro. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS.

A oficina terapêutica denominada oficina dos sentidos, desenvolvida por enfermeiros em um Centro de Atenção Psicossocial, CAIS Mental, ligado a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do Município de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul (RS), tem como proposta potencializar as ações dos usuários deste serviço, com diretriz expressiva, didática, criativa e corporal, objetivando que os mesmos possam arregimentar e redirecionar seus desejos, por meio da promoção da interação e do convívio, tendo como foco os sentidos.

A referida oficina se propõe a um processo de troca de aprendizado, possibilitando aos usuários a declaração livre de suas percepções sobre os recursos utilizados, dando-se ênfase às questões relacionadas à saúde mental, que segundo Saraceno (2001) é algo complexo, devendo ser considerada as dimensões psicológicas e sociais e os fatores psicossociais que determinam o processo saúde doença.

O plano terapêutico do CAIS Mental traz que as oficinas são espaços terapêuticos e de convivência, que busca viabilizar e potencializar possibilidades de expressão para o usuário, que muitas vezes chega ao serviço privado de condições humanas dignas (Secretaria..., 2003).

Neste serviço, que oferece a forma psicossocial de tratamento, enquanto uma prática substitutiva ao modo asilar, o enfermeiro interage com os usuários em sofrimento psíquico num movimento de interdisciplinaridade e de especificidade com relação a enfermagem.

Na perspectiva do modo psicossocial, percebe-se que a participação de enfermeiros na condução de modalidades de atendimentos grupais, por meio da coordenação de oficinas terapêuticas compostas por sujeitos psicóticos, neuróticos ou dependentes de drogas, favorece a esses usuários a retomada de seu lugar de sujeito falante, reflexivo e produtivo na sociedade (Kirschbaum, 2000).

Assim, o presente estudo tem como objetivo relatar o desenrolar da oficina dos sentidos, em que o enfermeiro se propôs à reflexão sobre o sujeito perceptivo, participante desta atividade.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, com o intuito de revelar uma dada realidade por meio de descrições sobre o objeto estudado (Triviños, 1987). Se caracteriza como um relato de experiência sobre as atividades realizadas em uma oficina terapêutica sobre os sentidos, no Centro de Atenção Psicossocial (Caps), conhecido como Cais Mental Centro, da SMS de Porto Alegre/RS, a partir de vivências de um grupo de usuários que participaram das atividades durante o primeiro semestre de 2006.

Os encontros da oficina aconteceram semanalmente, nas quintas-feiras das 15 às 16 horas, estando aberto aos usuários do Cais Mental Centro que desejam participar do grupo. Durante este período ocorreu uma participação de 10 usuários.

Para a realização da oficina foram utilizados objetos que estimulassem os sentidos, tais como: uma “caixa dos sentidos” contendo – essências, esponja, porta retrato, flauta e chocolate – revistas, painéis, argila, aparelho de som, *notebook* e filme.

Alguns aspectos sobre o serviço

O Cais Mental Centro é definido pela Portaria Ministerial Nº 336, como um Caps II, sendo este um espaço protegido, funcionando em regime de turnos, acompanhado por equipe interdisciplinar, no qual os usuários integram-se a diferentes modalidades de atendimento durante o dia, retornando à noite aos cuidados de seus familiares, em suas casas ou para instituições que os estejam abrigando (Brasil, 2002).

Para Costa-Rosa (2000), o Caps é um dispositivo institucional típico do modo psicossocial, por considerar os fatores políticos e bio-psico-socioculturais em que os meios básicos de tratamento formam um conjunto de dispositivos de reintegração socioculturais. Além de considerar o sujeito como participante principal do seu tratamento, leva em conta o contexto familiar e social como importantes agentes de mudança.

O referido serviço divide suas atividades em dois turnos (manhã e tarde), funcionando de segunda à sexta-feira das 8 às 18 horas com uma equipe de profissionais constituída por 2 enfermeiros, 4 auxiliares de enfermagem, 3 psiquiatras, 3 terapeutas ocupacionais, 3 psicólogos, 1 assistente social, 1 professor de educação física, 1 nutricionista e pessoal de apoio.

A clientela atendida pelo serviço é composta por indivíduos adultos com psicose ou neurose graves, numa média de 40 usuários em regime de Centro de Atenção Diária (CAD) e 280 em regime ambulatorial, integrantes da população total de 1.440.940 habitantes do município de Porto Alegre (IBGE, 2006).

Sobre a oficina terapêutica

Entendemos por oficina terapêutica como o local destinado a integração de um usuário consigo mesmo, com outros usuários e dos mesmos com a coordenação da oficina, permitindo a reintegração de laços sociais, propiciando a exteriorização e compartilhamento das suas angústias e sofrimentos.

Segundo Lappan-Botti (2004), as oficinas terapêuticas podem ser concebidas como espaços terapêuticos a partir do momento que possibilitam às pessoas que delas participam, um lugar de fala, expressão e acolhimento, facilitando o encontro de indivíduos em sofrimento psíquico, promovendo o exercício da cidadania, a livre expressão e a convivência dos diferentes.

O espaço das oficinas terapêuticas é privilegiado, pois permite a elaboração, o agenciamento criativo ou o enquadramento da demanda do sujeito, tratando-se de uma ocasião ímpar para o exercício do laço social, geralmente prejudicado no caso do sofrimento psíquico (Assad et al, 2005).

Para Rauter (2000), as oficinas terapêuticas têm o objetivo de resgatar os usuários enquanto cidadãos por meio de ações que possam inseri-los no trabalho e/ou em atividades artísticas, artesanais, dando-lhes acesso aos meios de comunicação.

Na perspectiva do modo psicossocial, a questão da cidadania vem permeando os discursos dos profissionais de saúde mental, dentre eles os profissionais enfermeiros. Ser cidadão é ter consciência dos direitos e dos deveres de uma pessoa dentro de uma sociedade (Oliveira; Alessi, 2005). Os enfermeiros, entendendo que os sujeitos em sofrimento psíquico são excluídos do seu meio social, sentem-se na responsabilidade de incentivar estes indivíduos à participação na vida em sociedade por meio de oficinas terapêuticas, como uma das formas de exercerem sua cidadania.

No entanto, a oficina não deve ser usada somente para ocupar o usuário, mas que neste espaço se faça um tipo de trabalho que, por outras vias seria demasiadamente árduo ou mesmo impossível desenvolver, oferecendo possibilidades de emergir o cerne de questões causadoras de sofrimento.

Segundo Lappan-Botti (2004), para ser terapêutica, a oficina necessita ter uma característica continente das vivências individuais e grupais, ou seja, conquistar neste espaço a credibilidade para estas vivências, estabelecendo, para cada integrante e para o grupo, pontos diferentes de referência.

Assim, no modo psicossocial, a oficina terapêutica é indispensável tendo em vista que permite a reabilitação do usuário por meio do convívio social, valorizando a sua importância na sociedade e fortalecendo seu *insight*.

Vale ressaltar que a reabilitação psicossocial representa um conjunto de meios, programas e serviços, que se desenvolvem para facilitar a vida dos sujeitos em sofrimento psíquico, maximizando as oportunidades de recuperação desses indivíduos e minimizando os efeitos desabilitantes da cronicidade da doença (Pitta, 1996).

Nessa perspectiva, as oficinas terapêuticas seriam um dos recursos que os serviços de Saúde Mental disponibilizariam aos seus usuários visando a reabilitação psicossocial desses, reintegrando-os à sociedade.

A oficina dos sentidos do CAIS Mental Centro

Enquanto uma modalidade de oficina terapêutica, a oficina dos sentidos é um espaço que os usuários do CAIS Mental Centro possuem para exteriorizarem verbalmente suas percepções em relação ao “assim sou eu”. Dessa forma, tendo em vista que a gente “pega” o mundo com os cinco sentidos, refletimos com os participantes a seguinte questão: “se você não olhasse, não ouvisse, não sentisse o toque, o cheiro e o gosto do mundo, como saberia que ele existe?”.

Para tanto, a oficina dos sentidos nos leva a reflexão, voltada para as relações que mantemos em nossa realidade, na medida em que dizemos e agimos ao realizarmos essas relações, tendo em vista que “*existem* sensações que são estados ou maneiras de ser do sujeito e que, a esse título, são verdadeiras coisas mentais. O sujeito perceptivo é o lugar dessas coisas” (Merleau-Ponty, 1994, p. 279).

Sobre essa reflexão, o referido autor ainda enfatiza que precisamos não apenas nos colocar em uma atitude reflexiva, mas refletirmos nessa reflexão, nos dando conta da transformação que ela traz consigo e em nossa existência.

Nesse movimento, no primeiro encontro, solicitamos a todos que permanecessem sentados em volta de uma mesa, iniciando-se o encontro com o coordenador do grupo, um enfermeiro, explicando a dinâmica do dia para o grupo. Enfatizou-se a importância de saber escutar os outros, afirmando que a oficina é um espaço para ser ouvido e ouvir, e das pessoas conversarem sobre coisas boas e ruins que acontecem em suas vidas (Algeri, 2006).

Este primeiro encontro teve por finalidade conhecer cada integrante do grupo e sensibilizá-los sobre a relevância dos sentidos nas suas vidas. Para tanto, foi proporcionado um ambiente acolhedor, para que os usuários pudessem manifestar suas percepções.

Neste contexto, com o auxílio de um computador, foi projetado alguns elementos do referencial teórico sobre os sentidos, com o suporte do Canal Kids (2006), para fornecer recursos ao grupo sobre a temática, resgatando em suas memórias o já dito sobre o assunto.

Assim, “torna-se possível restituir à noção de ‘sentidos’... minha sensação e minha percepção, só podem ser designáveis e, portanto, só podem ser para mim se forem sensação ou percepção de algo, por exemplo, sensação de azul ou de vermelho, percepção da mesa ou da cadeira” (Merleau-Ponty, 1994, p. 286).

Neste mesmo encontro, foi fornecido aos participantes um objeto contido na “caixa dos sentidos” para que falassem o que o mesmo despertou em seus sentidos, sendo estimulados a descrever suas percepções em relação ao objeto.

Inicialmente, foi utilizado um porta-retrato contendo uma foto de uma família correndo em volta de um lago com o intuito de estimular a reflexão nos participantes sobre os elementos da foto e o que despertou em seus sentidos.

Em seguida, valeu-se um espelho objetivando despertar questões relacionadas com a auto-estima e a auto-imagem, que para Townsend (2002) designa a consideração que os indivíduos têm em relação a si mesmos, enquanto uma medida de valor que eles atribuem às suas capacidades e seus julgamentos. A imagem corporal de um indivíduo é uma avaliação pessoal de seu ser, incluindo atributos físicos, funcionamento, sexualidade, estado de saúde-doença e aparência.

Nesse momento, foi explorado o conceito que cada participante tem sobre si mesmo, assim como incentivado reflexões sobre aspectos sadios dos mesmos e o desejo de mudança sobre aqueles que interferem num viver mais saudável.

Em outro momento, forneceu-se uma esponja com um lado áspero e outro liso, no qual os participantes relataram sentir a diferença tanto ao toca-

rem quanto ao visualizarem o objeto, em que a visão foi ativada pelas cores amarela e verde e o tato pela sua textura.

Posteriormente, no momento em que se forneceu um sabonete aos participantes, os mesmos relataram gostar da fragrância, referindo que a mesma era agradável e doce.

A audição foi acionada no momento em que os usuários tocaram uma flauta, ao mesmo tempo em que se ouvia uma música suave, contrastando-se os sons.

Por fim, ao distribuímos um pequeno ovo de páscoa para os participantes, todos concordaram que este momento propiciou a estimulação dos cinco sentidos, uma vez que no primeiro momento a visão foi acionada, ao ver o ovo, em seguida, ativou-se o tato, ao tocar o ovo, no terceiro momento a audição, ao abrir o ovo, pelo barulho provocado pelo papel, na seqüência o olfato, ao sentir o cheiro do chocolate e, por fim, o paladar, ao sentir o gosto do chocolate.

Enceramos o primeiro encontro da oficina realizando uma reflexão sobre a importância dos sentidos para a saúde, o bem estar, o cuidado com o corpo, em que vários participantes relataram terem achado importante este exercício para prestarem mais atenção nas manifestações corporais.

Para Merleau-Ponty (1994, p. 278), “[...] reaprendemos a sentir nosso corpo [...] Da mesma maneira, será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo”.

No segundo encontro trabalhou-se com o grupo a confecção de um painel, para o qual se forneceu revistas para os usuários recortar as imagens que tinham a ver com seus sentidos. Em seguida, realizou-se colagem e anotações sobre o significado das imagens, sendo comentado por cada participante o que as gravuras lhe despertavam. Ao final o painel foi afixado na parede e com a produção final do grupo desenvolveu-se uma discussão.

Este exercício propiciou o que, de acordo com Rauter (2000), pode-se caracterizar como sendo um instrumento terapêutico, uma vez que possibilita inserir ou reinserir socialmente indivíduos no mundo da coletividade, romper o isolamento e reinventar a vida em seus aspectos cotidianos, propiciando que o indivíduo dialogue sobre suas questões.

No terceiro encontro foi realizado um passeio no Parque da República de Porto Alegre com o propósito de observar, refletir e coletar materiais possíveis que tivessem a ver com os sentidos para posterior montagem de um material visual sobre o passeio. Durante esta atividade os usuários mostraram-se interessados e participativos, tecendo comentários sobre o ambiente, espaços visitados, a experiência de sair do ambiente do CAIS Mental, além de destacar os lugares freqüentados mais significativos para o grupo.

No encontro seguinte refletimos acerca de vários aspectos do passeio, sendo confeccionado um painel sobre os materiais coletados e, também, utilizados desenhos para representar situações observadas. Durante a elaboração do painel enfatizamos os sentidos que tinham sido acionados. Sobre este movimento Merleau-Ponty (1994, p. 290) salienta que “[...] se eu quisesse traduzir exatamente a experiência perceptiva, deveria dizer que *se* percebe em mim e não que eu percebo”.

No quinto encontro distribuiu-se argila aos participantes para que produzissem algo de seu interesse. Nesta atividade, solicitamos a eles que utilizassem o tato para perceberem as características do material, quanto a textura e a temperatura.

Enquanto iam construindo seus objetos, os participantes refletiam sobre os significados que possuíam. Um falou que seu trabalho significava sua mãe, a mulher brasileira, bonita, trabalhadora, honesta. Um outro que seu material significava os pães que comprava antigamente no supermercado e que lhe trazia boas recordações. E outro, relatou que sua escultura lhe transportava ao passado, em como foi criado, no interior, tendo confeccionado um objeto que lhe remetia à infância.

No sexto encontro, discutimos as produções realizadas com argila. O participante da oficina anterior que retratou sua mãe relatou que hoje, sua escultura perdera o significado, pois parte dela estava quebrada. O usuário que confeccionou os pães falou que os mesmos estão velhos, mas que continuam na sua recordação. O participante que retratou algo importante, que lhe transporta ao passado, disse ter confeccionado uma cuia, representando a cultura gaúcha, lembrando-se do interior do Rio Grande do Sul. Um usuário mencionou que tinha a intenção de fazer uma flor, mas, ficou diferente. Outro fez um boneco que lhe remetia a seu filho. Foi confeccionado ainda um pilão e uma peneira por outro integrante, lembrando, segundo ele, de sua avó que era filha de escravos. Um trabalho realizado por um usuário foi relatado como sendo Jesus, que traz lembranças de seu irmão, bem como pães que lembram sua mãe já falecida.

Para Merleau-Ponty (1994, p. 318), “[...] é a priori impossível tocar sem tocar no espaço, já que nossa experiência é a experiência de um mundo. Mas esta inserção da perspectiva tátil em um ser universal não exprime nenhuma necessidade exterior ao tato, ela se produz espontaneamente na própria experiência tátil, segundo seu modo próprio”.

Esta atividade propiciou uma reflexão se o usuário apresenta alterações que podem estar interferindo sobre o seu emocional, permitindo ainda identificar se o mesmo é capaz de: 1) expressar aspectos positivos em relação a si mesmo e a situação de vida; 2) aceitar *feedback* positivo dos outros; 3) tentar novas experiências; 4) aceitar críticas construtivas sem cair na defensiva; 5) aceitar a responsabilidade pessoal pelos próprios problemas; 6) usar um bom contato visual; e 7) desenvolver relações interpessoais positivas.

No sétimo encontro trabalhou-se com uma técnica de sensibilização dos sentidos, adaptada de Castilho (2004), sendo convidado os participantes para que ficassem sentados em volta de uma mesa com as mãos postas sobre a mesma. Foi solicitado a eles que fechassem os olhos, numa atitude de

concentração. Durante esta atividade foi estimulado cada um dos sentidos, sempre com uma ação e uma finalidade.

Para sensibilização da audição foi instalada uma música calma em volume baixo, deixada assim até o final da dinâmica, com a finalidade de propiciar um ambiente agradável e de tranquilidade.

O olfato foi estimulado a partir da colocação, junto às narinas dos participantes, de um sabonete perfumado com a finalidade de estimular a sensação de um aroma aprazível, sendo trocado na sequência para um frasco com vinagre, remetendo a um aroma desagradável.

Na sensibilização do tato passou-se um chumaco de algodão sobre a mão dos participantes, bem como a utilização de um massagador do couro cabeludo com a finalidade de propiciar um estímulo delicado, sendo introduzido na sequência uma esponja áspera, remetendo a uma sensação desagradável.

Colocou-se uma bala na boca do participante, para sensibilizar o paladar com a finalidade de remeter a um momento de estímulo alimentar.

Para sensibilização da visão, foram abertas as cortinas e ascendido as luzes; pediu-se aos participantes que abrissem os olhos com o objetivo de propiciar a diferença de claridade no momento em que eles encontravam-se relaxados. Por fim, foi solicitado que descrevessem sua experiência em participar deste tipo de dinâmica, destacando suas sensações.

A maioria dos participantes gostou da oficina, pois este espaço permitiu que refletissem sobre os sentidos. Todos concordaram que a música foi relaxante e agradável. Uma participante referiu que o lado áspero da esponja dava a sensação de uma língua de gato lambendo a mão. A outra, relatou ter gostado do som da flauta, tendo novos pensamentos, se esquecendo durante a oficina de pensamentos persistentes e desagradáveis. O perfume e o toque do algodão foram referenciados por um usuário enquanto uma sensação de leveza e que a bala foi

saborosa. Alguns participantes disseram ainda que a massagem no couro cabeludo foi relaxante e que o ato de fechar os olhos proporcionou tranqüilidade durante a oficina.

Nesse exercício podemos perceber que “[...] os sentidos se comunicam. A música não está no espaço visível, mas ela o mina, o investe, o desloca [...] Se quero encerrar-me em um de meus sentidos e, por exemplo, me projeto inteiro em meus olhos e abandono-me ao azul do céu [...] o céu deixa de ser uma ‘percepção visual’ para tornar-se meu mundo do momento” (Merleau-Ponty, 1994, p. 303-304).

Algumas reflexões

Para finalizar este estudo gostaríamos de destacar que a oficina dos sentidos desenvolvida no CAIS Mental Centro de Porto Alegre enfatiza sua estratégia terapêutica no indivíduo inserido no seu contexto familiar e social, permitindo a expressão de seus sentimentos, emoções e vivências singulares, dando ênfase na originalidade e na expressividade.

Assim, esta oficina tem propiciado, a cada participante, a reflexão sobre a importância dos sentidos para sua saúde mental, os reconhecendo como fundamentais em seu cotidiano. Isto nos permitiu, ainda, compreender que a percepção dos sentidos é necessária para a manutenção da sua auto-imagem, auto-estima, autoconfiança, auto-valorização e auto-aceitação.

Enquanto enfermeiros, as atividades desenvolvidas na oficina nos possibilitaram viabilizar um espaço no qual o indivíduo em sofrimento psíquico pode adotar uma postura de sujeito, protagonista no seu processo de tratamento, levando-o a reconhecer-se e ser reconhecido como cidadão, aprendendo a lidar com suas limitações, desejos e tolerâncias que a convivência em grupo exige.

Acreditamos que a oficina dos sentidos tem propiciado o desenvolvimento de ações terapêuticas implementadas pelo enfermeiro junto aos usuários,

tais como: 1) transmitir uma atitude de aceitação, encorajando o usuário a expressar a si mesmo abertamente; 2) promover sentimentos de controle pessoal, encorajando a tomada de decisões independentes; 3) reconhecer os pontos fortes do usuário e incorporar o emprego destes aspectos; 4) discutir temores e encorajar o envolvimento em atividades novas; 5) avaliar o conteúdo da conversa negativa sobre si mesmo; 6) reconhecer os esforços bem-sucedidos no usuário, reforçando positivamente às tentativas feitas.

Referências

ALGERI, S. *Repercussões de oficinas para a educação de responsáveis agressores: interfaces entre educação social, educação para a saúde e educação em Enfermagem*. Porto Alegre: PUCRS; Faculdade de Educação/PUCRS, 2006, 165p. (Tese de Doutorado em Educação).

ASSAD, M. M. E.; QUIRINO, M.; AQUINO, L. A.; LIMA JÚNIOR, J. M.; REZENDE, L. D. A. et al. Algumas contribuições da psicanálise ao campo da saúde mental. *Rev. Conceitos da UFPB*, João Pessoa (PB), 2005 jul./04 jun. 05. Disponível em: <www.adufpb.org.br/publica/conceitos/11/art.15.pdf>.

BRASIL, Ministério da Saúde. Sistema de Legislação da Saúde. Diretrizes e normas estabelecendo que um centro de atenção psicossocial constitui-se na modalidade de serviço tipo CAPS I, II, III. Portaria n° 336/02. Brasília (DF), 2002. Disponível em: URL: <<http://www.ministerio.saude.bvs.br/html>>. Acesso em: 12 jul. 2006.

CANAL KIDS. *Saúde: os cinco sentidos*. Disponível em: <<http://www.canalkids.com.br/saude/sentidos/index.htm>>.

CASTILHO, A. *A dinâmica do trabalho de grupo*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

COSTA-ROSA, A. O modo psicossocial: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In: AMARANTE P. (Org.). *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2006. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br>>.

KIRSCHBAUM, D. I. R. O trabalho de Enfermagem e o cuidado em saúde mental: novos rumos? *Cadernos IPUB*, Rio de Janeiro, 2000; 19:15-36.

LAPPAN-BOTTI, N.C. Oficinas em saúde mental: a representação dos usuários dos serviços de saúde mental. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, SC, 13(4):519-26, out./dez. 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

OLIVEIRA, A. G. B.; ALESSI, N. P. Cidadania: instrumento e finalidade do processo de trabalho na reforma psiquiátrica. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 10(1):191-203, 2005.

PITTA, A. M. F. O que é reabilitação Psicossocial no Brasil, hoje? In: PITTA, A. M. F. (Org.). *Reabilitação Psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

RAUTER, C. Oficinas para quê? uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTE, P. (Org.). *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

SARACENO, B. *Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. 2. ed. Belo Horizonte: Te Corá; Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia, 2001.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. Planejamento Estratégico. *Cais Mental Centro: Centro de Atenção Psicossocial*. Porto Alegre, RS: SMS, 2003.

TOWNSEND, M. C. *Enfermagem psiquiátrica: conceitos de cuidados*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.